

O Laboratório de Egiptologia do Museu Nacional, UFRJ é o primeiro laboratório no Brasil dedicado especificamente à Arqueologia do Egito antigo. Nele, reúnem-se pesquisadores envolvidos em projetos de pesquisa sobre temas como religião funerária, paisagem, arte e novas tecnologias, assim como sobre a coleção egípcia do Museu Nacional, a maior da América Latina.

Os projetos desenvolvidos no Seshat estão ligados a pesquisas e outras atividades de ensino e extensão desenvolvidas no Programa de Pós-Graduação em Arqueologia do Museu Nacional. Além deste, integram o Seshat pesquisadores de outras universidades do Brasil, Portugal, Espanha e França.

<http://www.seshat.com.br/>
laboratorioseshat@gmail.com



Quinta da Boa Vista—Bairro Imperial de São Cristóvão
Rio de Janeiro—RJ—Brasil
<http://www.museunacional.ufrj.br/>
Telefone: (21) 3938-6900
Informações: museu@mn.ufrj.br

Expediente:
3ª a domingo (incluindo feriados)
das 10 às 17 horas.

MUSEU NACIONAL
UFRJ

COLEÇÃO EGÍPCIA



A Coleção Egípcia do Museu Nacional

O acervo egípcio do Museu Nacional é o maior da América Latina e provavelmente o mais antigo das Américas. A maior parte dos objetos data de 1826, quando Nicolau Fiengo, um comerciante italiano, trouxe de Marselha (França) uma coleção de antiguidades egípcias proveniente das escavações do famoso explorador italiano Giovanni Battista Belzoni, que escavou na Necrópole Tebana, atual Luxor, no Templo de Karnak e negociou antiguidades entre 1816 e 1819.

Os objetos foram arrematados, em leilão, pelo Imperador Dom Pedro I, que as doou ao então Museu Real, fundado em 1818. Em 1876, quando de sua segunda visita ao Egito, Dom Pedro II foi presenteado pelo Quediva Ismail com o belo esquife pintado da “Cantora de Amun” Sha-Amun-em-su, que ele veio a manter em seu gabinete até a Proclamação da República em 1889, quando, então, foi incluído na coleção do Museu Nacional. Posteriormente, a coleção foi acrescida de outros objetos, por doações ou compras de particulares, chegando a aproximadamente 700 objetos.



A Origem dos Objetos

Não há registro preciso da procedência da maior parte dos objetos. Entretanto, a possível origem tebana da maioria destes pode ser comprovada pelas inscrições daqueles que as possuem, entre eles os esquifes de Hori, Harsiese e Pestjef, pertencentes a funcionários tebanos, que devem ter sido descobertos nos cemitérios de Tebas ocidental.

Tebas foi a capital religiosa do Egito a partir do II Milênio a. C. O nome designa a região que se estende nas duas margens do Nilo, onde se encontram os templos de Luxor e Karnak na margem direita, e os templos funerários, o Vale dos Reis, o Vale das Rainhas e as tumbas particulares na margem esquerda.

É certo, porém, que algumas das estelas do Museu Nacional sejam provenientes de Abidos, ao norte de Tebas, cidade sagrada do deus Osíris. Estas estelas eram colocadas próximo ao local onde se acreditava estar sepultado o próprio deus.

A SEMNA

A Semana de Egiptologia do Museu Nacional é uma atividade promovida pelo Seshat – Laboratório de Egiptologia e pelo Programa de Pós-Graduação em Arqueologia do Museu Nacional/UFRJ.

Semna era a designação, na Antiguidade, da fortaleza construída na Núbia pelo faraó Senusret I, que governou entre c. 1965-1920 a. C. Tal como uma fortificação, nosso evento busca lançar bases sólidas na integração e divulgação da Egiptologia no Brasil.

O objetivo do evento é reunir pesquisadores oriundos de diferentes áreas do saber em um ambiente propício ao debate e à cooperação acadêmica. Além disto, a SEMNA tem como objetivo divulgar o conhecimento sobre o Egito antigo à comunidade não acadêmica. Desta forma, é possível promover o desenvolvimento da Egiptologia no Brasil também para além dos muros da universidade, aproximado o grande público dos pesquisadores.

O Museu Nacional

O Museu foi criado por um decreto de Dom João VI (06/06/1818) com o nome de Museu Real, sediado, até 1892, no Campo de Sant’Anna (atual Praça da República). Com a República, o Museu passou a ocupar o Palácio Imperial na Quinta da Boa Vista (25/07/1892). A partir de 1946, o Museu Nacional, foi integrado a então Universidade do Brasil, a atual Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Ao longo de sua história, o Museu Nacional tem contribuído para o ensino, a pesquisa e a extensão, em sua condição de instituição pioneira na área das Ciências Naturais e Antropológicas no Brasil.